

Revista Figura: sobre a constituição, recepção e atualidade da tradição clássica

Alexandre Ragazzi¹

RESUMO

A revista *Figura – Studies on the Classical Tradition* foi criada com a intenção de promover o debate a respeito da constituição, recepção e atualidade da tradição clássica. Com uma proposta interdisciplinar, o objetivo é o de estimular o intercâmbio de ideias entre vários campos do saber, de modo a aprofundar o conhecimento de um amplo legado cultural que abarca materiais visuais, literários, filosóficos, mitológicos, religiosos, científicos e musicais. Neste artigo, apresento as diretrizes editoriais de FIGURA, com a esperança de que isso possa encorajar novas contribuições de pesquisadores atuantes no meio acadêmico brasileiro.

Palavras-chave: Tradição clássica; Renascimento; Antiguidade; Primeira Época Moderna.

ABSTRACT

Figura – Studies on the Classical Tradition is an academic journal created in order to promote the debate on the constitution, reception and contemporary relevance of the classical tradition. Embracing an interdisciplinary approach, FIGURA aims to stimulate the exchange of ideas among several fields of knowledge so to deepen our understanding of a broad cultural legacy which encompasses visual, literary, philosophical, mythological, religious, scientific and musical materials. In this paper, I will present the editorial objectives of FIGURA hoping that might encourage new contributions from researchers active in the Brazilian academic environment.

¹ Alexandre Ragazzi é especialista em história da arte do século XX pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, mestre e doutor em história da arte pela Universidade Estadual de Campinas, tendo realizado seu doutoramento em um programa de cooperação com a *Università degli Studi di Firenze*. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Teoria e História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



*Figura – Studies on the Classical Tradition*² é uma revista digital criada no ano de 2013 com a intenção de difundir pesquisas e textos sobre a assim chamada “tradição clássica”. Idealizada pelos historiadores da arte Luiz Marques (IFCH / UNICAMP)³ e Luciano Migliaccio (FAU / USP), a revista faz parte de um conjunto maior de ações destinado tanto a minimizar o isolamento em que muitos pesquisadores brasileiros normalmente se encontram quanto a ampliar a repercussão de seus trabalhos em âmbito internacional.

À medida que se consolidaram no Brasil cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* em História da Arte, cresceu também o número de pesquisadores dedicados aos estudos sobre a formação e reelaboração da tradição clássica. Por meio de intercâmbios apoiados por agências de financiamento brasileiras, essa nova geração de estudiosos pôde entrar em contato com grandes centros universitários europeus e americanos. Entretanto, a visibilidade de suas pesquisas frequentemente era reduzida, ficando restrita a uma circulação interna.

² < www.figura.art.br >.

³ Aproveito a oportunidade para destacar a importância do pensamento do professor Luiz Marques para uma inteira geração de pesquisadores formados sob sua tutela, e ressaltar que muitas das ideias expostas neste texto foram elaboradas e disseminadas por ele em suas aulas e publicações.

Era preciso alterar esse cenário, e a revista nasceu tendo esse como um de seus objetivos principais.

FIGURA publica textos produzidos em espanhol, francês, inglês, italiano e português. Se há o interesse de que as pesquisas realizadas por brasileiros sejam lidas também fora do país – pelo que há sempre a exortação para que os brasileiros publiquem em outra língua que não o português –, ambiciona-se igualmente que os trabalhos de autores estrangeiros sejam aqui publicados. Desse modo, FIGURA procura colocar-se como um espaço de troca, de colaborações mútuas entre o Brasil e o mundo. Trata-se de um local idealizado para dar visibilidade global às pesquisas produzidas no país e, ao mesmo tempo, para que os leitores brasileiros tenham a possibilidade de estar atualizados em relação à produção de qualificados pesquisadores de outras nacionalidades.

Para definir o campo de atuação da revista, é preciso determinar o que se entende por tradição clássica. Em certo sentido, não deixa de ser paradoxal uma tentativa de definição do conceito de clássico em uma contribuição destinada a uma revista intitulada Concinnitas, posto que o termo *concinnitas* carrega em si uma certa porção da própria essência do clássico. Elegância formal produzida através de longas e diversas subordinações, proporção e harmonia entre as partes componentes de um todo, são esses alguns dos significados possíveis para a *concinnitas*. Na Roma antiga, as letras de Cícero (106-43 a.C.) representaram a máxima expressão desse conceito. Sem levar em conta as exceções, é possível afirmar que o uso do latim durante a Idade Média negligenciou a forma clássica, até o momento em que essa situação foi alterada a partir do Renascimento⁴. Isso não se deu apenas no contexto literário, mas, ultrapassando seus limites, manifestou-se também naquelas que em breve ficariam conhecidas como as artes do desenho. Leon Battista Alberti (1404-1472), como se sabe, com frequência aplicou à sua época

⁴ Um dos tópicos mais expressivos acerca da constituição do clássico no domínio linguístico pode ser individuado nos cálidos debates travados sobre a adoção ou não de Cícero como único modelo literário; as cartas trocadas entre Poggio Bracciolini e Lorenzo Valla, Angelo Poliziano e Paolo Cortesi, Pietro Bembo e Giovanfrancesco Pico della Mirandola apresentam-se como documentos de inestimável valor para a compreensão desse fenômeno. Cf. PICO DELLA MIRANDOLA-BEMBO, 1954.

noções extraídas da Antiguidade clássica. Por exemplo, é possível traçar um paralelo e imaginar que Alberti tenha equiparado as três primeiras partes constitutivas da retórica – isto é, a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio* – às três partes da pintura descritas por ele como *circunscrição*, *composição* e *recepção de luzes*⁵. De modo mais explícito, Alberti estendeu os compromissos formais do conceito de *concinnitas* a sua própria teoria e prática arquitetônicas⁶. Muitos outros casos como esses poderiam ser enumerados, mas já há aqui o suficiente para esta argumentação. Portanto, apesar de no presente os rumos editoriais da revista Concinnitas apontarem mais claramente para outros caminhos que não esse da tradição clássica, será sempre útil lembrar a origem de seu nome, origem esta que justifica ainda mais a inserção da revista Figura no presente dossiê sobre publicações relacionadas à reflexão e à experimentação sobre as artes.

Mas voltemos à delimitação do conceito de tradição clássica. Antes de mais nada, faz-se necessário rejeitar algumas definições que, se consideradas isoladamente, poderiam induzir a uma conceituação parcial e incompleta do termo *clássico*. Conforme se pode ler na página eletrônica da revista,

Primeiramente, a noção de clássico aqui não remete apenas a um *estilo* codificado nos diversos *classicismos* históricos cujas características comuns seriam a predileção por um repertório elevado, o sentido da centralidade, da unidade e da clareza estrutural, o ideal de simplicidade e o gosto pelo jogo disciplinado entre regra e variedade. Em segundo lugar, o clássico aqui não possui vínculos com uma psicologia da percepção que veria nesse conceito uma *constante* do espírito. O clássico, enfim, não deve aqui ser associado a qualquer juízo de valor no âmbito de uma antítese entre clássico e anticlássico na qual seriam reservadas ao segundo termo pulsões criativas, inovadoras, experimentais ou subjetivas⁷.

Em vez da tácita aceitação de qualquer uma dessas especificidades, uma possibilidade seria conceber o clássico e sua tradição como longo processo histórico, certamente não perceptível de maneira constante e uniforme, mas identificável através de sequências formais e intelectuais independentes de cronologias e apenas

⁵ ALBERTI, 1999, p. 108.

⁶ Cf. TAVERNOR, 1985 (disponível in < <http://www.dspace.cam.ac.uk/handle/1810/239042> >, consultado em 10/06/2017).

⁷ Cf. a aba “about” na página da revista: < www.figura.art.br >.



parcialmente submetidas às geografias⁸. Nesse sentido, é importante salientar que ao menos até o século XVIII a tradição clássica forneceu a principal estrutura para o desenvolvimento das coordenadas mentais da civilização ocidental, isto é, sua temática e seus procedimentos argumentativos. Era através da cultura ligada à tradição clássica que se dava a representação social e política do Ocidente⁹.

Além disso, vale lembrar que a história sempre exerceu uma função constitutiva para a tradição clássica, pois, de acordo com o pensamento histórico, arte, retórica, filosofia e ciência são o resultado de um processo civilizatório. É bem verdade que há sempre mais estudos sobre história e arte realizados com a intenção de reavaliar esse posicionamento, principalmente porque aí se identifica a origem das concepções colonizadoras do Ocidente.

A propósito, Maurizio Ghelardi lembra que Aby Warburg, ao estabelecer uma relação entre os rituais com serpentes dos índios Hopi do Novo México e a arte produzida em Florença no final do Quatrocentos, compreende a arte como uma relação universal, inerente ao homem, entre linguagem e expressão – e não entre história e a própria arte¹⁰. É claramente uma influência que Warburg acolheu de seu bom amigo Ernst Cassirer e de sua *filosofia das formas simbólicas*¹¹. Essa relação não chegou a ser plenamente desenvolvida por Warburg, muito embora a simples consciência de que a arte possa ser interpretada de maneira diversa do que acontece com a retórica, a filosofia e a ciência já é, por si só, algo extraordinário. A arte não era mais, necessariamente, fruto de um processo civilizatório, posto que não deixava de continuar a compartilhar da mesma essência formadora do mito e da magia, por exemplo. Unindo os extremos, a arte estaria em tudo, ocupando um espaço entre as intuições mais autênticas do ser humano e o amansamento delas causado pelo acúmulo do conhecimento. Trata-se, em todo caso, de um duro golpe desferido

⁸ Cf. KUBLER, 1970.

⁹ Quero aqui agradecer a Patricia Meneses, do departamento de História da UNICAMP e também editora de FIGURA, por ter lido este texto e sugerido a inclusão dessa reflexão.

¹⁰ Maurizio Ghelardi é professor da *Scuola Normale Superiore di Pisa*; esse tema aqui apresentado foi discutido por ele em uma conferência proferida no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO), no Rio de Janeiro, em 22 de maio de 2015.

¹¹ Cf. CASSIRER, 2005.

contra o pensamento hegemônico europeu. Disso resultou a compreensão de que a tradição clássica, por ter a arte incluída em seus domínios, não é sempre marcada por continuidades estáveis, mas antes por interrupções e reaparecimentos esporádicos de seu legado.

O certo é que as matrizes das ideias fundadoras da tradição clássica foram engendradas nas civilizações mediterrânicas, as quais, em sua amplidão territorial e abundância simbólica, acabaram por instituir um vasto repertório de materiais visuais, literários, filosóficos, mitológicos, religiosos, científicos e musicais. O manejo desse extenso corpus, enfim, propiciou ao Ocidente a criação de um acordo cultural forte o bastante para interligar suas diversificadas tessituras sociais.

Agora é preciso esclarecer o que significa trabalhar com a tradição clássica no mundo contemporâneo. Qual seria a relevância disso? O clássico tem o status de clássico apenas porque se tornou seminal, porque se converteu em um modelo a partir do qual foi criada uma sequência de novas produções. Segue um movimento incessante de cristalização, transmissão e transformação. O clássico, portanto, passou por uma fase em que suas formas foram instituídas, depois do que foram iniciados jogos de emulação, renovação ou mesmo rejeição de seu legado. De todo modo, trata-se sempre de um diálogo que se estabelece com aquilo que é referência, de forma que a aceitação e a rejeição do clássico representam possibilidades dialéticas basilares para a civilização ocidental. Estando o sujeito como que no interior de um sistema hegeliano, evitar a tradição clássica significa acatar um movimento previsível de negação que precede, ou mesmo prepara, uma nova aproximação a essa tradição. Sendo assim, os questionamentos sobre a tradição clássica serão incontornáveis enquanto persistir a civilização nos moldes que conhecemos, enquanto mantivermos vínculos com esse passado, não importando o quão tênues sejam.

A revista *Figura* tem quatro números publicados. O primeiro, de 2013, foi estruturado a partir de um congresso internacional realizado na Biblioteca Nacional em homenagem ao quinto centenário de nascimento de Giorgio Vasari¹². Além do

¹² Rio de Janeiro, 26 a 28 de setembro de 2011.

dossiê, essa edição contou com seções de artigos variados, resenhas e textos de referência. O segundo número, de 2014, teve como núcleo central um dossiê sobre ilustração científica, o qual foi acompanhado por artigos de temas diversos. No ano seguinte, a revista publicou estudos sobre obras pertencentes ao acervo da coleção da Fundação Eva Klabin do Rio de Janeiro, sendo que esse número também apresentou outros artigos de temas variados. Já em 2016, foram publicados artigos e documentos sem um tema específico.

Entre os anos de 2013 e 2015, a revista *Figura* foi dirigida por Luiz Marques e Luciano Migliaccio. A partir de 2015, houve uma mudança de editores, posto que a ideia é justamente propiciar uma alternância periódica na condução da revista. Com isso, pretende-se estimular a variedade de pensamentos e orientações teóricas, de forma que a revista possa renovar-se naturalmente. Cássio Fernandes (EFLCH / UNIFESP), Patricia Meneses (IFCH / UNICAMP) e o autor desse breve relato dividem desde então as tarefas editoriais da publicação.

Buscando uma maior internacionalização da revista, desde o número 4 ela teve seu subtítulo alterado. De *Studi sull'Immagine nella Tradizione Classica* passou-se para *Studies on the Classical Tradition*. Além da adoção do inglês como língua franca, optou-se por eliminar a palavra *imagem* do subtítulo. Isso porque, apesar de FIGURA ser uma iniciativa conduzida por historiadores da arte, a intenção não é limitá-la a contribuições dessa área. Ao contrário, acredita-se que a ampliação dos campos do saber é fundamental para que a revista possa atingir os resultados ambicionados desde sua criação.

De fato, FIGURA surgiu com um propósito interdisciplinar. A própria ambivalência semântica da palavra “figura” foi evocada nesse sentido. Como nos lembra Erich Auerbach, “figura” originalmente é um nome utilizado para expressar um significado concreto e visual (objeto modelado em argila); com o passar do tempo, no entanto, outras camadas foram-lhe acrescentadas, e o termo assumiu uma conotação mais abrangente de “forma gramatical, retórica, lógica, matemática e,



mais tarde, até mesmo musical e coreográfica”¹³. Ora, essa variedade de significados traduz muito bem os objetivos editoriais da revista. São bem-vindas contribuições de todas as áreas que possam, interligadas, ampliar nosso conhecimento a respeito da tradição clássica. História da arte, história, filosofia, literatura, música, são todos temas que aqui interessam para que seja possível delimitar a tradição clássica e as novas formas assumidas por ela ao longo do tempo. Trata-se de um esforço para individuar um objeto e perceber suas diferentes faces, de modo análogo à metáfora criada por Ovídio em suas *Metamorfoses*, em que ele diz que “[...] a cera macia é marcada com novas *figuras*, não permanecendo como era antes nem retendo as mesmas formas depois, mas continuando a ser o que é [...]”¹⁴. A tradição clássica é feita como que de matéria plástica, e mesmo quando aparenta ser outra coisa, preserva ainda sua essência. É justamente nesse domínio que atua a revista *Figura*.

A partir de 2017, FIGURA apresentará duas edições por ano. Além de haver projetos de dossiês que serão coordenados por pesquisadores externos, que não fazem parte do Comitê Editorial, a revista também servirá como espaço para a publicação do resultado das atividades organizadas por membros da SBER, a Sociedade Brasileira de Estudos do Renascimento¹⁵. Nesse sentido, os dossiês previstos para 2017 serão editados por Cássio Fernandes e Maria Berbara. O número 1 do volume 5 está sob os cuidados de Cássio Fernandes; serão publicadas as conferências apresentadas na Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo) entre os dias 10 e 11 de maio de 2017 no Colóquio “Aby Warburg e sua tradição”. Quanto ao número 2 do volume 5, será organizado por Maria Berbara a partir da conferência “Francisco de Holanda 500 anos”, a qual, idealizada juntamente com Raphael Fonseca, foi realizada no dia 30 de maio de 2017 nas dependências do Paço Imperial (Rio de Janeiro).

Para concluir essa apresentação da revista *Figura*, deixa-se aqui um convite para que estudiosos brasileiros enviem proposições de artigos para serem

¹³ Cf. AUERBACH, 1984, p. 15 (texto originalmente publicado in *Archivum Romanicum*, 22, 1938, pp. 436-489).

¹⁴ OVÍDIO, *Met.*, XV, 169-171: *utque novis facilis signatur cera figuris / nec manet ut fuerat nec formas servat easdem, / sed tamen ipsa eadem est [...]*.

¹⁵ < www.sber.com.br >.



publicados. Como foi dito, são acolhidos não apenas trabalhos dedicados à história da arte e à compreensão das artes, mas também a todo campo da cultura ou da ciência que nos auxilie a aprofundar o conhecimento sobre a tradição clássica, sua constituição, recepção e atualidade.

*

Figura – Studies on the Classical Tradition

ISSN – 2317-4625

Editores

Cássio Fernandes – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Patricia Meneses – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Alexandre Ragazzi – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Comitê Editorial

Evelyne Azevedo – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Maria Berbara – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Fernanda Marinho – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Luiz Marques – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Tamara Quírico – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Comitê Científico Internacional

Juliana Barone – Birkbeck University of London

Jens Baumgarten – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

José Emilio Burucúa – Universidad Nacional de San Martín – UNSAM

Liana de Girolami Cheney – SIELAE, Universidad de Coruña

Gerardo de Simone – Accademia di Belle Arti di Carrara

Maurizio Ghelardi – Scuola Normale Superiore di Pisa



Silvia Ginzburg – Università di Roma Tre

Juan Luis González García – Universidad Autónoma de Madrid

Alessandro Nova – Kunsthistorisches Institut in Florenz

Carlo Rescigno – Seconda Università degli Studi di Napoli

Neville Rowley – Staatliche Museen zu Berlin

Claudia Valladão de Mattos – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Editores Anteriores

Luiz Marques – 2013-2015

Luciano Migliaccio – 2013-2015

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Leon Battista. *Da pintura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

AUERBACH, Erich. “Figura”. In: *Scenes from the drama of European literature*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984, pp. 9-76, 229-237.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KUBLER, George. *The shape of time. Remarks on the history of things*. New Haven and London: Yale University Press, 1970.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni Francesco; BEMBO, Pietro. *Le epistole “De imitatione” di Giovanfrancesco Pico della Mirandola e di Pietro Bembo*. A cura di Giorgio Santangelo. Firenze: Olschki, 1954.

TAVERNOR, Robert William. *Concinnitas in the architectural theory and practice of Leon Battista Alberti*. PhD thesis. Cambridge: University of Cambridge, 1985.

